

PROBLEMAS SINDICAIS

As nossas atenções devem convergir no actual momento para o estado decadente em que se encontra a organização sindical do Algarve

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

FARO, 13.—O Algarve foi uma das províncias de Portugal que possuiu uma organização sindical mais homogênea e aguerrida. A história do movimento operário está repleta de episódios curiosos da luta revolucionária de que o Algarve foi prosceno.

Hoje o Algarve não possui organização sindical. Tudo que de valioso aquela província continha desapareceu. De Vila Real de Santo António a Lagos existem erectos pouco mais de dez sindicatos, que atravessam uma vida vegetativa.

No Algarve pode asseverar-se que não há movimento operário. E porque se regista esse fenómeno? Porque a crise de trabalho e a miséria que grassa por toda a província provocou a emigração da quasi totalidade dos militantes operários. E os que ficaram são impotentes para manter a organização.

Faro, ainda assim, é uma das localidades onde existe alguma organização sindicalista. E porque não desapareceu ela totalmente na capital do Algarve?

Porque se deslocou para esta cidade um militante operário de Lisboa que à organização local tem dado o melhor do seu esclarecido espírito. Esse militante é o camarada João Humberto Matias, rapaz experimentado nas lutas operárias e possuidor de um espírito de continuidade pouco vulgar em alguns combatentes.

Com João Matias falamos de espaço sobre os problemas que interessam ao operariado da província. Sobre cada um deles o nosso collocutor dissertou proficientemente. Por serem interessantíssimas algumas das suas declarações vamos reproduzir aquelas que se casam perfeitamente com a função destes artigos.

—No Algarve, principia o nosso entrevistado, a organização sindical é pouco mais de um simulacro. Em Faro ainda estão organizadas as classes da construção civil, mobiliários, corticeiros, fabricantes de calçado, marítimos, ferroviários e jovens sindicalistas. Em nenhuma outra localidade do Algarve há igual número de organismos.

—E todos os sindicatos de Faro desenvolvem grande actividade?

—A vida dos organismos de classe é doentia. Em Faro, se eu não amparar a existência dos organismos operários, eles morrem imediatamente porque não têm elementos que os possam manter.

—Como conseguem realizar esse milagre?

—Todas as horas do inlavor dedico-as à organização. Mesmo assim não chego para as encomendas. Há muito trabalho que eu não posso fazer porque não me chega o tempo.

—Mas qual é a solução para o problema?

—Em minha opinião a C. G. T. deveria estudar a forma de deslocar para o Algarve alguns militantes que, em conjunto, poderiam realizar uma grande obra: organizar essas dezenas de milhar de trabalhadores por toda a província.

E com grande convicção:

—As condições em que se fariam essas deslocacões seriam objecto de um largo estudo que não cabe no esboço que acabo de traçar.

Sendo a crise de trabalho um dos fenómenos a que se atribui a falta de organização, quizemos ouvir a opinião do nosso interlocutor sobre o caso.

—A' crise de trabalho, prossegue João Matias, não deve atribuir-se o enfraquecimento da organização. A crise de trabalho de certo modo contribui para esse facto. Mas não é ela a principal culpada de no Algarve só existirem pouco mais de uma dúzia de sindicatos. A culpa é da falta de militantes.

E agrega:

—Repito: Se a C. G. T. pensar a sério no problema a que acabo de me referir o Algarve poderá ainda fazer reviver aqueles tempos que tanto preocuparam a burguesia.

A concluir:

—Se se der o invés, viveremos ainda por muito tempo esta situação que se agravará quando a fadiga me vencer...

As declarações do inteligente militante são bem para meditar. O Algarve, que possui cidades e vilas bastante industriais, não pode ficar à mercê do acaso ou do esforço de um homem como sucede em Faro.

Se não se compreender assim o pouco que hoje existe reduzir-se-á à expressão mais simples e com isso só lucrarão a burguesia e mais inimigos do operariado.

O golpe de Estado militarista na Polónia

Os insubordinados ocupam a capital

VARSÓVIA, 14.—Confirma-se oficialmente que o marechal Pilsudski ocupa a cidade. O governo, com o sr. Wittoz à frente, permanece no palácio Belevédere. O marechal Pilsudski e o presidente da República conferenciam. A cidade encontra-se calma; os transportes e as instituições públicas funcionam normalmente. —H.

Uma reviravolta?

BERLIM, 14.—Corre que as tropas nacionais polacas marcham sobre Varsóvia para restabelecerem o governo Wittoz e combater as tropas do marechal Pilsudski. —H.

No fim... todos se reconciliam

BERLIM, 14.—Segundo notícias recebidas de Varsóvia, a cidade encontra-se inteiramente nas mãos do marechal Pilsudski, em seguida a renhidos combates, nos quais as metralhadoras, a artilharia ligeira, os «tanks» e carros armados entraram em acção. Dá-se, porém, como possível uma coligação ministerial em que entrem Pilsudski, Wittoz e Skritinsky. —L.

A mania da perseguição

PARIS, 14.—Os jornais franceses mostram-se muito reservados em face dos acontecimentos desenrolados na Polónia. L'Echo de Paris recusa que Pilsudski procure agora um entendimento com os soviéticos russos e com a Alemanha, dissolvendo a aliança contraída com a França. —L.

Optimismo oficial

PARIS, 14.—Um comunicado da legação polaca explica a situação na Polónia como o maior optimismo. O governo polaco declarou o marechal Pilsudski fora da lei, considerando-o como rebelde.

O marechal mantém-se senhor da cidade, excepto do palácio presidencial. Grandes contingentes das províncias, sob o comando

de Sikorski, marcham sobre a capital que se encontra cercada por outras tropas governamentais.

O moral dos revoltosos está fortemente abalado com a resistência do governo, que conta dominar o movimento revolucionário em muito pouco tempo, visto a província condenar unanimemente a revolução.

O comunicado oficial termina dizendo que o governo conta restabelecer a ordem muito em breve. —(L).

Noticias contraditórias

BERLIM, 14.—Segundo notícias recebidas nesta cidade, os elementos operários de Lemberg e Cracovia estão ao lado do marechal Pilsudski.

Diz-se ainda que os ferro-viários socialistas lançaram um apelo à greve, e o partido socialista reclamou a constituição dum novo governo.

O presidente da república recusou-se a negociar com o marechal Pilsudski a terminação do movimento revolucionário. Os aviões têm voado sobre vários pontos da Polónia, lançando manifestos nos quais o governo apela para o lealismo do exército e da nação.

Em todas as cidades da Polónia, com excepção da capital, reina absoluta calma, manifestando-se porém a opinião pública contra a revolta. —(L).

O desemprego na Alemanha

BERLIM, 14.—Nota-se uma sensível diminuição de desempregados na Alemanha. O número de operários sem trabalho, tendo a seu cargo o sustento da família, durante a segunda quinzena de Abril passou de 1.882.000 a 1.784.000. —H.

Execrando o intruso

TANGER, 14.—Confirma-se que Abd-el-Krim está proclamando a guerra santa contra a Espanha e a França. —L.

O fim de um empreendimento

MANILLA, 14.—Os aviadores espanhóis Gallarza e Loriga chegaram a esta cidade, terminando o raid Espanha-Filipinas. —H.

A caminho da terra sagrada de Fátima!

Outra vez a viscondessa de Andaluz... —Um médico que prepara milagres—A indignação dum seminarista contra um padre e sua «esposa»... —O campo de concentração de Torres Novas—A fraternidade dos nossos irmãos em Cristo...

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 12.—O comboio que parte do Rossio às 11,20, que é rápido até ao Entroncamento e que é conhecido pela designação pomposa de «rápido de Madrid» traz, em carruagens de primeira, nas melhores e mais modernas, o estado maior do grande exército católico que vai a Fátima. Desta vez um pouco macilenta, sem aquela fisionomia sã e escorrelta, sanguínea e brilhante que lhe vimos em Santarém, a senhora viscondessa de Andaluz confessa fustamente a noite que passou em branco e as quarenta e oito horas arrastadas a receber ordens dos bispos e a dar determinações às raparigas que lhe estão subordinadas—a fim de que a Fátima fosse muita gente e de que, a «Virgem» lá apareça às três crianças, fosse ofertado muito dinheiro.

Acompanham-na algumas senhoras, destas que estão no segredo dos deuses... de solta, e algumas pupilas, destas que a Congregação de Fátima condenou a trabalhar 14 e 16 horas por dia a tróco duma disciplina asfíntica e insolente e duma alimentação tão deficiente que a tuberculose não consente que elas vivam para além dos 30 anos! Esta aristocrata sem sensibilidade e sem inteligência viva, dotada duma grande argúcia, ajoelhando com sua alma estéril e chata de solteirona de sempre—só teve por paixão terrena um homem meio doído, um admirável instrumento da igreja. Mas grado sua aparência delicada, possui uma grande energia que aplica, de olhos fechados e cega, em tudo quanto lhe seja ordenado pelo arcebispo de Évora. Sua fúria é monstrosa e é sem hesitação que conduz para o convento e para a morte raparigas por ele fanatizadas; que lança famílias no exaspero e no sofrimento. E' bem o símbolo desta religião de velhos e de maus...

Noutro carruagem de 1.ª vai o dr. Augusto de Azevedo Mendes, de Torres Novas. Esta personagem é já conhecida dos nossos leitores: trata-se daquele médico da reaccionaríssima vila de Torres Novas que passa atestados de falsos doentes na sua terra para depois com eles fabricar atestados de falsas curas em Fátima. Leva acompanhamento: senhoras da família, senhoras que em Torres Novas e imediatamente entram nas casas de gente pobre com ofertas de dinheiro, especulando com a miséria, em tróco de casamentos e baptizados religiosos—cuja despesa elas pagam com um dinheiro que não lhes custou a ganhar.

No comboio vão também algumas damas bem vestidas, algumas meninas que exibem imorais decotes na rua do Ouro e alguns conspicuos filiados da União dos Interesses Económicos. São todos pessoas de fé que vão em peregrinação a Fátima. Duas horas antes partiu um comboio com algumas carruagens reservadas com peregrinos. Devem encontrar-se todos no Entroncamento. Estamos próximo de Santarém. Aproveitaremos a paragem para enviarmos estas notas tomadas rapidamente, enquanto o comboio desliza, veloz, sobre a campina ribatejana.

PAIALVO, 12.—O comboio dos peregrinos que partiu do Rossio às 9,25 chegou ao Entroncamento pouco depois do sol-d'ant'rápido de Madrid. Assistimos ao espectáculo que davam os peregrinos duma excelente carruagem de 3.ª reservada entoando vários cânticos ao altíssimo e a «Virgem» aparecida em Fátima. E' uma carruagem unida pela graça de Deus pois vem abarçada pela fé dos que nela elevam, em mal afinado coro, hinos em louvor daquele que em seis dias sem hesitações, nem dificuldades, fez o céu e a terra...

Na gare encontramos um velho conhecimento nosso, feito seminarista. Supondo em nós um crente, toma-nos do braço, arrasta-nos pela gare e depois expande, com vibração colérica na voz e gestos desordenados, quasi epilépticos, na sua indignação: —Lembras-te da F...? Vem naquela carruagem—os dois peregrinos que entoavam louvores a Deus—com o amante. Há três anos que ela vive com o padre. E os dois sem decore, nem vergonha, nem ignora carruagem, onde de resto ninguém ignora aquela ligação escandalosa! Vem juntas: aquelas filhas de Maria e aquela filha...

Meia hora depois passámos por curiosidade, junto da indicada carruagem que provocou o furor do seminarista. O padre é alto, forte e espadado e a rapariga—a sua amante—é baixa e em olhos rápidos, medrosos e cheios de enlívio. Se procurássemos estabelecer o escândalo, o nome da rapariga e o nome do padre estariam como uma bomba na redacção das seraficas Novidades que por certo se não atreverão a exigir-nos provas do que afirmamos...

O Entroncamento está peado de peregrinos—quasi todos aldeões, gente simples e rude, embruteada pelos padres.

O estado maior que veio no rápido partiu em automóveis para Torres Novas, grande campo de concentração de peregrinos.

Nós tomámos em andamento o comboio em que vêm padre e sua «esposa». Os peregrinos, «os nossos irmãos em Cristo», em nome de fraternidade pregada por Jesus recusaram-se a deixar-nos a entrar nas carruagens. Que fossem para os «rails» que os partiam... E fomos. Viajámos até à Lamosara nos estrados duma carruagem de 3.ª, correndo o risco de, pelo caminho, irmos cair sob o rodado das carruagens e ficarmos trucidados em holocausto à nossa tentativa de ir a Fátima, presenciando de perto, atentamente, os esplendores da fé...

Perdoamos-lhes de boa vontade a partida cruel que nos pregaram. Perdoamos-lhes porque não somos cristãos...

As dificuldades resultantes da greve, tendo-se realizado ontem à noite uma longa conferência, cujos trabalhos foram suspensos à meia noite. —(L).

Situação complicada

LONDRES, 14.—O regresso ao trabalho dos operários dos serviços de transportes e outros apresentou-se hoje com vários aspectos inevitáveis depois duma paragem geral: várias questões delicadas necessitam ser resolvidas antes que a normalidade de tais serviços possa ser assegurada.

O problema da readmissão dos grevistas torna-se difícil, não só pelo facto de alguns dos voluntários, que asseguraram diversos serviços durante a greve, desejarem continuar no trabalho, como pela relutância dos patrões em readmitir o pessoal que excede as necessidades imediatas dos serviços, temporariamente reduzidos como resultado da greve.

Estes problemas estão sendo tratados pelos patrões dentro do espírito do apelo feito pelo sr. Baldwin na Câmara dos Comuns, para a benevolência, tratando as associações patronais com os representantes dos sindicatos; assim, na zona de Londres começamos, amanhã, os serviços completos, tanto de omnibus como de linhas subterrâneas e carros eléctricos, demora motivada em parte pela necessidade de vistoriar linhas e material antes de novos serviços serem estabelecidos.

Maiores dificuldades têm surgido, porém, no regresso ao trabalho nos vários caminhos de ferro através do país, em virtude da readmissão em massa exigida pelos sindicatos, à qual as companhias opõem o argumento de que não necessitam de todo o pessoal, em consequência da greve, e que o mesmo quebrou os seus contratos de serviço e que alguns dos grevistas lhes não merecem confiança, casos estes que declaram examinar individualmente e que novos contratos são necessários para a sua readmissão.

Pelas companhias é formalmente desmentido que uma redução de salários seja imposta como condição de readmissão. —L.

A greve perdura

LONDRES, 14.—Complicou-se a situação nos portos. O sindicato dos trabalhadores das docas deliberou continuar a greve até que esteja resolvido o problema da readmissão dos grevistas. —L.

Operários que regressam

LONDRES, 14.—Quasi todo o pessoal da construção civil se apresentou ao trabalho, bem como o pessoal dos estaleiros e dos principais centros metalúrgicos. —L.

Sobre os gélos polares

OSLO, 14.—Segundo as últimas notícias recebidas do dirigível «Norge», este alcançou já o Cabo Barrow, prosseguindo na sua viagem para Nome, assinalando-se sensíveis mudanças meteorológicas. —L.

Reunem-se os mineiros

LONDRES, 14.—Os delegados mineiros reuniram-se esta manhã, discutindo o relatório apresentado pelo conselho executivo, que ontem se avistou com o primeiro ministro, bem como o memorandum de Sir Herbert Samuel sobre a solução da crise atravessada pela indústria. —(L).

E adiaram-se os trabalhos

LONDRES, 14.—Depois do seu discurso, pronunciado na Câmara dos Comuns, o sr. Baldwin reuniu no seu gabinete de Downing Street todos os membros do conselho executivo da federação dos mineiros.

Depois duma discussão geral sobre a situação actual da crise da indústria do carvão, os trabalhos foram adiados.

O sr. Baldwin reuniu-se hoje com os proprietários das minas, supondo-se que se lhe seguirá uma reunião com os mineiros. —(L).

O desassossego do operariado

LONDRES, 14.—O sindicato dos impressores está estudando com os patrões as dificuldades resultantes da greve, tendo-se realizado ontem à noite uma longa conferência, cujos trabalhos foram suspensos à meia noite. —(L).

UM INCIDENTE

As empresas jornalísticas marcam posição em face da atitude das empresas teatrais

Os directores e representantes das empresas dos jornais de Lisboa reuniram, ontem pelas 14 horas, na redacção do *Jornal do Comércio*, para essa reunião fizeo o convite, a fim de se assentar no procedimento a seguir em face da quebra das relações de há muito existentes entre as empresas teatrais e a imprensa, quebrou as relações em que, aliás, não quiseram tomar parte os teatros da Trindade, Gimnásio, Salão Foz e Salão Olímpia, que mantêm parte com os jornais o que desde sempre se estabeleceu como reciprocidade de serviços.

Presidiu o sr. Alberto Bessa, director do *Jornal do Comércio*, por ser o mais antigo diário do país, secretário pelos srs. José Sarmento, representante do *Diário de Notícias*, e Nogueira de Brito, representante da *Revista de Teatros*; estiveram também presentes representantes dos jornais *A Batalha*, *Correio da Manhã*, *O Mundo*, *O Rebate*, *O Século*, *A Capital*, *Correio da Noite*, *Diário de Lisboa*, *Diário da Tarde*, *A Noite*, *O Radical*, *A Tarde* e *A Voz Pública*, ou seja a quasi unanimidade dos jornais lisboenses, pois apenas deixaram de comparecer *A Epoca* e as *Novidades*, por não lhes interessar o caso, visto que não inserem reclamações a espectáculo algum.

Depois de declarado o fim da reunião e de exposto pelos srs. Pereira da Rosa e José Sarmento, o que com os seus respectivos jornais se passara, por parte da Associação dos Empregados, que os haviam procurado, e salientado pelo sr. Luís Derouet a indecência e incorrecção praticada por aquela Associação para com os restantes jornais, que não foram procurados, protestando contra essa diferença de tratamento, protesto muito justo, a que toda a assembleia se associou, usaram da palavra quasi todos os jornalistas presentes, apresentando alvíres diversos para se tornar bem manifesta a repulsa da imprensa

pelo deplorável incidente que a Associação dos Empregados veio tristemente provocar quando a imprensa desenvolveu os seus componentes tantos e tão valiosos e anti-gos serviços.

Foram, finalmente, por unanimidade de votos, tomadas as seguintes resoluções: «1.ª. Não se aceitar a anunciada concessão de bilhete para as «premiéres», a que se refere a circular da Associação dos Empregados, nem requisitar quaisquer outros bilhetes, quer pelos directores, quer pelos administradores dos jornais, como também nessa circular lhe era oferecido.

2.ª. Manter as actuais relações de reciprocidade de serviços com aquelas empresas que declararam já não aceitar o novo regime e com aquelas que, dentro do prazo de 24 horas declararem, para a sede da Comissão dos Jornalistas, na redacção do *Jornal do Comércio*, que o não aceitam também, respeitando o antigo.

3.ª. Toda e qualquer referência, tanto a teatros como a peças, artistas e tradutores, das empresas que aceitarem o critério exposto na circular da Associação dos Empregados será por elas paga à linha, pelo preço da tabela, em todos os jornais onde essa publicação se pretenda fazer.

4.ª. Qualquer modificação que porventura venha a ser possível estabelecer quanto ao que ficou resolvido, só poderá ter validade depois de convocada nova reunião de toda a imprensa.

5.ª. Exceptuam-se, quanto ao pagamento ao preço da tabela, as críticas das «premiéres», nos jornais que a alguma dessas «premiéres» queiram mandar o respectivo critério, pagando o respectivo bilhete.

Foi nomeada uma comissão composta dos srs. Manuel Guimarães, José Sarmento e Nogueira de Brito para dar execução às deliberações da assembleia, comissão que hoje vai dirigir-se a todas as empresas comunicando aquela deliberação.

ATRAVÉZ DA AFRICA

Sangue português e ouro africano

A pesar da crise actual, não sãsa o esforço português — e Angola possui riquezas e reúne todas condições para o seu ressurgimento

Depois de falar na crise de Angola, de citar algumas causas e factores, parece-me justo fazer justiça ao esforço que, através de mil dificuldades, aqui encontro despendido por portugueses.

Graças a esse esforço, que deve ser atribuído muito mais à iniciativa particular do que à abiliada e incompetente acção do Estado, é absolutamente possível o ressurgimento e o progresso de Angola.

Mas quero, principalmente, referir-me ao esforço humilde e anónimo de alguns milhares de portugueses que foram os pioneiros heróicos das empresas da actualidade e do futuro—esforço que algumas vezes frutificou em magníficas realizações, e que outras vezes tombou no campo das iniciativas frustradas, mas que foi sempre produtivo por entrar os mais duros sacrifícios.

Sem esse esforço, desordenado mas persistente, realizado pelas gerações deste último meio século—uns provando a possibilidade da colonização dos planaltos, outros fixando-se através de matos e sertões, todos eles afrontando contingências e perigos, e depois apregoando e revelando as maravilhosas riquezas do solo africano, as qualidades e manhas do gentio—se não fora tal esforço, a obra de Novais e as páginas soberbas de Massangano não passariam de um grande sonho; e quando a pirataria estrangeira com a habitual covardia dos fortes, derrubasse os marcos de Diogo Cão, depois a inércia metropolitana completaria o resto.

Sabemos muito bem, todos os que estamos a par dos processos intensivos e modernos que caracterizam a economia e o fomento colonial, que esta Província de Angola poderia estar muito mais desenvolvida, muito mais trabalhada o seu solo, muito mais aproveitadas as suas famosas riquezas naturais. Mas estas razões não podem apoucar o esforço português realizado por entre o censurável alheamento duma finança egoísta e medrosa e quasi sempre esquecido pelos governos metropolitanos que, desde 1820, se consomem no devorador incêndio das continuas revoluções.

E' debil esse esforço, quando analisamos a obra progressiva nos últimos tempos realizada pelos países ricos de ouro e população e ensoberbecidos pela febre de absorção e domínio.

Mas é, o pobre esforço português, resulta formidável quando analisamos como tudo isto se fez, num enorme espírito de aventura e sacrifício; e as mãos tremelmas de emoção ao folhearmos os velhos manuscritos que dão notícia da vida dos primeiros colonos, do pequeno comerciante, do modesto funcionário e agricultor, tantas vezes marchando à frente das expedições militares, atravessando morros e dambas, abrindo caminho nas florestas e desertos, caminhando para o desconhecido, que tantas vezes foi a morte.

Visitando os cemitérios de Loanda, Benguela, Mossamedes, Huila, Dondo e Bié, não se pode reprimir a emoção ante as cruces singelas que marcam as sepulturas desses pioneiros. Nas legendas dessas cruces, analisando as datas, recolhendo informes, reconstitue-se a história triste de que aqui labutaram vinte, trinta, quarenta anos, e morreram pobres, sempre saudosos de Portugal.

Bem sei que vieram pelo seu interesse, na luta pela vida, na ambição legítima de dias melhores. Mas vieram, e a sua vida foi a melhor seiva que, pouco a pouco, fortaleceu Angola. Mas vieram, e dos que vieram só muito poucos voltaram ricos; e dos outros alguns aqui ficaram, tantas vezes sem conforto, consumindo-se entre saudades e pena, trabalhando e sofrendo, amarrados nessa violenta paixão que prende o português ao solo africano.

Pouco tudo isto!

Todavia quão longe já vamos dos sinistros tempos em que o único comércio importante era o dos escravos que os *portugueses estrangeiros* aqui vinham adquirir e cujo embarque até era abençoado, no país, pelos bispos que então governavam a diocese de Angola!

Tão longe estamos desse comércio macabro, como das estatísticas de 1846 em que Lopes de Lima registava em toda a Angola uma população branca de 1.832 pessoas—ou seja, aproximadamente, vinte vezes menos do que a população actual.

Podia ter-se feito muito mais?!

Podia. Mas os estrangeiros que nos criticam—não através dum princípio de justiça, mas do critério das suas necessidades—esquecem-se que, durante essas épocas remotas muito mais difíceis de trabalhar nas colónias do que presentemente, eles ainda fizeram muito menos.

Esquecem-se, alguns desses detractores, que ainda os seus países não tinham existência colonial, e vagueavam nos mares como piratas, ou mendigavam nas conferências internacionais fomentando intrigas e roubando territórios com a maior comodidade, já Portugal dizimava a vida dos seus homens e desbaratava o seu magro tesouro, sacrificando até, erradamente, a vida da metrópole ao sonho das terras de além mar.

Não desenvolvem, devidamente, os seus domínios coloniais!

E' certo. Mas durante esse tempo fez o Brasil—esse enorme Brasil que hoje é dos melhores mercados dos ingleses, italianos, alemães, e outros estrangeiros desmemoriados.

«Mas o passado... é o passado» —eis o dito favorito dos estrangeiros, quando, em defesa ferocíssima dos seus interesses, querem saltar sobre os direitos históricos dos outros...

Ninguém mais tradicionalista, nem com mais culto pelo «seu passado» do que eles. Mas o passado dos outros, os sentimentos queridos dos outros, toda uma história feita à custa de mil sacrifícios, quando dos outros, é coisa de que o seu egoísmo grosseiro não entende e que a sua força agressiva sempre soube esmagar.

Pois bem, esqueçamos, então, as razões do passado, e mostremos que a vida presente de Angola de tal modo está entrando no campo da actividade, que merece, sem favor, o respeito e até a simpatia dos estrangeiros bem intencionados.

Há, ainda, muito por fazer? Há bastante por realizar, certamente.

Mas se colarmos os ouvidos à terra e procurarmos auscultar todo o arcabouço gigantesco desta enorme Angola, sentiremos perto e longe, junto ao oceano, nos planaltos e longínquas anhas do interior, nas fronteiras da Damaralândia, do Barotze, e nos territórios dos franceses e belgas, por toda a parte—por toda a parte—um frémito estuante de vida que alaga pelos campos, pelos rios, pelas fábricas, pelas minas e que é a fructificação dessa semente lançada à terra pelo esforço humilde dos portugueses.

Eu vi, eu senti por toda a parte, cruzando Angola em várias direcções, essa ligação admirável de vida, esse esforço comoveu de gente modesta e livre que não quer morrer e, sobretudo, que procura viver, pensando os *caríssimos* favores estrangeiros, embora muitas vezes esquecida pela metrópole.

Eu vi, eu senti latejante, o esforço hercúleo desses portugueses—e quanto mais humilde mais me comoveu, por ver quantos sacrifícios e quantas dificuldades os apegaram, para todo o sempre, às terras africanas, como se enterrados vivos aqui ficassem eternamente.

Vida tumultuária, muitas vezes confusa e

Depois de falar na crise de Angola, de citar algumas causas e factores, parece-me justo fazer justiça ao esforço que, através de mil dificuldades, aqui encontro despendido por portugueses.

Graças a esse esforço, que deve ser atribuído muito mais à iniciativa particular do que à abiliada e incompetente acção do Estado, é absolutamente possível o ressurgimento e o progresso de Angola.

Mas quero, principalmente, referir-me ao esforço humilde e anónimo de alguns milhares de portugueses que foram os pioneiros heróicos das empresas da actualidade e do futuro—esforço que algumas vezes frutificou em magníficas realizações, e que outras vezes tombou no campo das iniciativas frustradas, mas que foi sempre produtivo por entrar os mais duros sacrifícios.

Sem esse esforço, desordenado mas persistente, realizado pelas gerações deste último meio século—uns provando a possibilidade da colonização dos planaltos, outros fixando-se através de matos e sertões, todos eles afrontando contingências e perigos, e depois apregoando e revelando as maravilhosas riquezas do solo africano, as qualidades e manhas do gentio—se não fora tal esforço, a obra de Novais e as páginas soberbas de Massangano não passariam de um grande sonho; e quando a pirataria estrangeira com a habitual covardia dos fortes, derrubasse os marcos de Diogo Cão, depois a inércia metropolitana completaria o resto.

Sabemos muito bem, todos os que estamos a par dos processos intensivos e modernos que caracterizam a economia e o fomento colonial, que esta Província de Angola poderia estar muito mais desenvolvida, muito mais trabalhada o seu solo, muito mais aproveitadas as suas famosas riquezas naturais. Mas estas razões não podem apoucar o esforço português realizado por entre o censurável alheamento duma finança egoísta e medrosa e quasi sempre esquecido pelos governos metropolitanos que, desde 1820, se consomem no devorador incêndio das continuas revoluções.

E' debil esse esforço, quando analisamos a obra progressiva nos últimos tempos realizada pelos países ricos de ouro e população e ensoberbecidos pela febre de absorção e domínio.

Mas é, o pobre esforço português, resulta formidável quando analisamos como tudo isto se fez, num enorme espírito de aventura e sacrifício; e as mãos tremelmas de emoção ao folhearmos os velhos manuscritos que dão notícia da vida dos primeiros colonos, do pequeno comerciante, do modesto funcionário e agricultor, tantas vezes marchando à frente das expedições militares, atravessando morros e dambas, abrindo caminho nas florestas e desertos, caminhando para o desconhecido, que tantas vezes foi a morte.

Visitando os cemitérios de Loanda, Benguela, Mossamedes, Huila, Dondo e Bié, não se pode reprimir a emoção ante as cruces singelas que marcam as sepulturas desses pioneiros. Nas legendas dessas cruces, analisando as datas, recolhendo informes, reconstitue-se a história triste de que aqui labutaram vinte, trinta, quarenta anos, e morreram pobres, sempre saudosos de Portugal.

Bem sei que vieram pelo seu interesse, na luta pela vida, na ambição legítima de dias melhores. Mas vieram, e a sua vida foi a melhor seiva que, pouco a pouco, fortaleceu Angola. Mas vieram, e dos que vieram só muito poucos voltaram ricos; e dos outros alguns aqui ficaram, tantas vezes sem conforto, consumindo-se entre saudades e pena, trabalhando e sofrendo, amarrados nessa violenta paixão que prende o português ao solo africano.

Pouco tudo isto!

Todavia quão longe já vamos dos sinistros tempos em que o único comércio importante era o dos escrav

sem orientação, muitas vezes convulsa e errada, arrastando-se para as soluções desesperadas, para o campo dos inúteis sacrificios. Sim, é verdade.

Mas toda essa desorientação, essa nevrose, esses desesperos—não são males exclusivos de Angola, mas do Ocidente.

O mundo inteiro vive tumultuário, confuso, desorientado.

E Angola, até mesmo nos casos mais agudos, das desorientações individuais, não podia deixar de sofrer os desastres de ordem política, económica e moral que a guerra desencadeou sobre a pobre humanidade.

Mas, em face da actividade que, em toda a provincia por toda a parte irrompe e teima em resistir, sente-se que Angola não pode decair e que vai reviver esplendorosamente depois dos últimos momentos numa crise passageira que todos devem encarar corajosamente, serenamente.

E' ver, como à beira da linha férrea do Caminho de Ferro de Benguela, se erguem as lindas povoações onde pulam e brincam saudáveis crianças portuguesas; como já se esboçam magníficas cidades do futuro, em Lobito, Huambo, Malange e Amboim; como o Dono, Catumbela e as ruínas de Muxima e Massangano ganham aquele prestígio, a patine das cidades mortas; como o Bailundo, no Bié e no Moxico se fomentam e organizam povoações animadas pela crença dum melhor orientado ressurgimento agrícola; como em Benguela se luta heróicamente, procurando vencer, opondo tenaz resistência às diversas dificuldades que ameaçam aquele formidável império comercial; como em Mossamedes, apesar das dificuldades de mão de obra, avulta e prospera a industria de pesca e conservas de peixe; como no planalto de Huila se lançam as bases para uma grande riqueza pecuária; e como nas margens do Quana, embora a trágica contingência do paludismo e da tét-zé, se intensifica a industrialização dos palmeiros e algodões.

Há dificuldades tremendas, mas a onda de desânimo ainda não venceu os grandes redutos de trabalho. E quer seja nos cafezais de «Cazengo» e «Amboim»; nas acaciarais do Dômbé, Bom Jesus e Cassequel; nos palmeiros do Libolo ou da Quissama; na exploração dos Diamantes; nas pesquisas do petróleo e carvão; no labutar das pescarias e salineras; na vida de tantas pequenas e grandes empresas comerciais, agrícolas e industriais, por toda a parte se sente a mesma ansia criadora de viver, por vezes amargamente, mas com olhos postos no futuro.

Ah! os estrangeiros que realizam o seu fomento colonial, auxiliados pelos técnicos do Estado, com todos os requintes da comodidade e do facto dinheiro, não podem avaliar esta espécie de esforço da gente portuguesa—uma maior parte sacrificada e sem esperança de em dias da sua vida obter lucros ou compensações.

Ninguém deve ver nas minhas palavras o menor elogio a imperios capitalistas, ou transigência com sistemas de domínio que se impõem pela força e pelo terror. Cada vez estou menos resolvido a deixar-me atrelar ao carro dourado dos ídolos ou heróis, e a tomar a sério os miseráveis que dão vivas à Patria... enquanto vão parasitando em tórno dos cofres públicos. Há muito que renunciei à partilha burguesa, e não tenho cotas em sociedades negras.

Simplemente analiso a vida colonial dos nossos dias, com a convicção de que seja qual for a sociedade futura, ela será muito mais feliz quanto mais trabalhada encontrar a terra. E não representa uma abdicação sentimental, ou exagerado optimismo respeitar o trabalho dos outros, reclamar a respectiva e necessária assistência aos valores seleccionados e prestar, enfim, justiça ao esforço realizado à custa de muito sangue e que já hoje vale muitíssimo ouro.

Angola-1926.

Juliano QUINTINHA

Cautela de penhores

Encontra-se na nossa redacção uma cautela de penhores, achada na rua, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

PEREIRA—Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.º

FATOS RECLAME a 295\$00

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Todas as noites o célebre

Pão de Ló

com o FADO DO SOLDADO

Coliseu dos Recreios

A's 9 e meia

Torneio Internacional de Luta

«Match» desforra em luta livre:

MANUEL GRILLO

contra

PIETROWITSCH

Combate até resultado definitivo:

KORNATZ contra **ZBYSHKO**

Outro assalto do programa:

YAGO contra **DEBIE**

Grandes atracções artísticas

TIVOLI

Telef. N. 5474

A's 9 horas

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO

Mais veloz que a morte

Super-produção em oito partes

com **HARRY PIEL**

FAZE BEM...

Cine-comédia em cinco partes com

DOUGLAS MACLEAN

Uma cine-farça

Uma revista cinematográfica

A'MANHÃ—«Matiné» às 3 horas

Notas & Comentários

Mantendo a ordem...

Ontem de tarde, um indivíduo cujo nome não podemos averiguar, foi queixar-se ao comissário de polícia tenente sr. Lopes Soares de que o guarda n.º 1280, da esquadra do Governo Civil, lhe deve há muito tempo uma quantia importante negando-se constantemente a pagá-la. O 1280, sabendo da queixa, foi postar-se à porta do gabinete do tenente Lopes Soares e quando o seu condutor dali saiu desembainhou o terço e começou a agredir-lhe tão brutalmente que por certo o material se aos gritos de socorro saltados pelo agredido, não acudissem esse oficial e polícias, que desarmaram o envergamento.

Como se vê, a policia continua a afirmar-se uma corporação ordeira...

O 14 de Maio

Passou ontem o aniversário da revolução de 14 de Maio. Fizem-se, por isso, comemorações nos cemitérios. Ao da Ajuda foram algumas famílias das vítimas que ali jazem. Os políticos que beneficiaram dessa revolução, e que não se lembraram das vítimas. Todas entregues à faina da investigação não lhes sobra o tempo para pensar em vítimas. Ontem à última hora limitaram-se alguns a enviar os seus cartões (sele ao todo), acompanhados de raminhos de flores.

A Semana da Criança

Alastra por todo o país com entusiasmo a ideia da celebração da Semana da Criança que tem o seu início amanhã, com interessantes festas em Carnaxide e em Lisboa, no Club Recreativo Lusitano e no Sindicato da Construção Civil. O sr. ministro da Instrução, accedendo ao convite que lhe foi dirigido pela comissão de Lisboa, inaugurará a exposição de jogos educativos, tendo já cedido o Teatro Nacional para esse efeito.

O Núcleo Sentinela do Bem promoveu duas interessantes sessões conferências, sendo conferente da primeira o professor dr. Reis Santos e da segunda o professor sr. Mauro Pena, que dissertaram largamente sobre a situação da criança portuguesa e preconizaram os meios a pôr em pratica para a educar e defender, reconhecendo a Semana da Criança uma magnífica oportunidade para agitar o problema máximo da educação da criança. Na villa da Moita as festas que amanhã se iniciam vão revestir desusado brilhantismo, tendo partido para o Porto um operador cinematográfico para filmar os aspectos das brilhantes comemorações que ali se realizam.

O sr. ministro do Comércio autorizou já as facilidades solicitadas para os delegados da provincia que queiram vir tomar parte na sessão que a Liga de Acção Educativa realiza na Sociedade de Geographia, no domingo 23, para a definitiva constituição dum organismo defensor dos direitos da criança, devendo ser requisitados para a Biblioteca Nacional os bilhetes respectivos.

«O que devia ser a semana da criança»

Subordinada ao tema «O que devia ser a semana da criança» e sendo conferente a distinta professora sr.ª D. Judite Vieira, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede da Universidade Popular Portuguesa, a terceira conferência da série promovida pelo Núcleo de Educação e Beneficência Sentinela do Bem.

Em Tires e São Domingos de Rana

Iniciam-se hoje, no lugar de Tires, freguesia de São Domingos de Rana, as festas da Semana da Criança, com o seguinte programa:

Hoje, às 21 horas: Récita infantil no lugar de Tires e sede da freguesia de São Domingos de Rana, levando à scena a farça em 1 acto «Vale quem tem». Diálogos e monólogos infantis: Estúdios e mandrária, A. Cantante e A. Alvaros, A. 3 goratas, M. Duarte, R. Santos e J. Conceição; O senhor 7, L. Gomes dos Santos; A flor, A. Sabido; E. da Conceição; O menino e a Arvore, F. R. Almeida e F. R. Martins; Arrepentimento, L. Sabido; A morte da Mimi, A. Cantante; A's escondidas, M. Duarte e J. Borges; O bebé, F. R. Martins; Conversa infantil, A. Costa e A. Sabido; O bicho carpinteiro, F. R. Almeida; Muidinho, S. Rosário e M. Alexandrina; Sua excelência, E. da Assunção; Epigrama, L. Teodoro; Muidinho das Cautelas, L. G. dos Santos; Viuvinha, J. Sabido; Menina de 15 anos, A. R. de Almeida; Com sono, D. Maria e M. Izabel; Pão de Ló, A. Cantante e C. Coucelo; Conversa Alegre, A. Duarte, L. Teodoro, M. Borges e Fernando; O meu pião, A. Alvaros; Boné Rico e Boné Pobre, A. da Silva e J. da Silva. Far-se-há ouvir o orfeão infantil e abrihantará a récita o Grupo Musical Solidariedade Operária de Tires. No decorrer da semana haverá passeios escolares e diversos jogos infantis.

Dia 23, às 11 horas: Encontro de confraternização das crianças das escolas de Tires e da sede da freguesia de São Domingos de Rana, com exposição de trabalhos escolares. A's 13 horas: Jantar de confraternização às crianças, no largo da fonte em Tires. A's 16 horas: Sessão solene.

Por especial deferência a confraternização das crianças será abrihantada pela Troupe União Caparidense.

Na Escola Primária n.º 25, a Campolide, também se realizam festejos comemorativos da Semana da Criança. Desde o dia 17 até ao dia 20, haverá exposição dos trabalhos dos alunos, realizando nesses dias os professores palestras educativas. No dia 19 realizar-se-há uma conferência sobre assuntos higiénicos e haverá recitações de poesias pelos alunos. Também haverá refeição melhorada fornecida pela Cantina do Bem que fornece alimentação diária a 125 crianças. Na quinta-feira haverá uma sessão cinematográfica, às 15 horas, oferecida gentilmente pelo proprietário do Cine-Campolide. No dia 22, passeio aos alunos, acompanhados pelos respectivos professores.

As festas no Sindicato da Construção Civil

As festas que a comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa promove em homenagem às crianças que frequentam as suas aulas, devem revestir-se de imponência invulgar, tendo a elas aderido elementos de incontestável valor. O programa vasto e atrahente está sendo distribuído e a forma como está concebido tem merecido os mais rasgados encómios. Em virtude do entusiasmo que tem despertado estas festas entre os componentes da Construção Civil, a comissão escolar resolveu limitar os bilhetes de convite para que todos possam estar completamente à vontade. A entrada é completamente gratuita, bastando requisitar bilhete de admissão à comissão escolar.

Incêndios

Arde um barracão no Casal Ventoso

Pouco depois das 15 horas declarou-se incêndio com intensidade no Casal Ventoso, num barracão construído de madeira e coberto de telha.

Compunha-se de 4 compartimentos, sendo 3 habitados, assim como um sótão.

Num dos compartimentos habitava Maria Agripina e família, noutro Filipa de Jesus e no 3.º José Barroso Guimarães, bombeiro municipal n.º 156, e sua família.

No sótão residiam o proprietário do barracão, Manuel Mendes e José Maria, Manuel Francisco e António Silva.

O fogo teve começo no sótão ignorando-se a causa, supondo-se no entanto que os locatários, operários, quando foram a casa das 12 às 13 horas, para confecção do jantar, deixassem o lume por apagar ou alguma brasa caísse no soalho.

Acudiram para extinguir o incêndio, populares com vasilhas de água, mas o muito vento que fazia não deixou evitar que antes da comparnência dos bombeiros, que não se fizeram esperar, já o barracão fôsse pasto das chamas.

Compreeu material e pessoal dos quartéis 1, 4, 6, 7 e 10 e Voluntários de Lisboa, que applicaram na extinção do fogo 2 agulhetas alimentadas por bocas de incêndio da rua Maria Pia; por não haver água encaçada no local do sinistro.

Compareceram o comandante Rodrigues Alves, ajudante Marcelino e chefes de divisão Luís Alves e Alfredo dos Santos.

O barracão ficou completamente destruído assim como maior parte do mobiliário.

Os inquilinos do barracão que ficaram sem casa, foram recolhidos na sede do Casalense Foot-Ball Club.

Numa fábrica em Albas Vedros

ALHOS VEDROS, 14 (pelo telefone). — Pelas 22,30 horas manifestou-se violento incêndio na fábrica de cortiças do sr. José Gago da Silva. O incêndio teve início num dos grandes armazens onde estavam acumulados inúmeros fardos de cortiça prontos a sair para o estrangeiro. Junto a esse grande armazem achavam-se outros fardos que também foram devorados pelo incêndio e bem assim vários barracões. A fábrica possui um grande depósito de cortiças que também foi pasto de chamas. O aspecto do incêndio era desolador. A culpa dos incêndios que, de há tempos, se vem manifestando nas fábricas de cortiça, atribui-se ao desmazelo dos industriais desta localidade acerca das vidas e haveres da população, à mercê de caprichos pessoais, pois os industriais não querem contribuir para a montagem de um serviço de incêndios.

Os socorros foram prestados pelos bombeiros do Sul e Sueste e da União Fabril. A fábrica está segura em cinco companhias sendo os prejuízos avultados.—C.

O presidente da Associação dos Fragateiros

O fogueiro sindical João Pedro Gonçalves dirigiu-nos uma longa carta acerca do procedimento do presidente da Associação dos Fragateiros. Nessa carta, em resumo, o sinatário repete as acusações já feitas, accusando-o ainda de ter arrebanhado indivíduos para conseguir maioria. O tal presidente, Dias Tavares, gastou sem conta muitas quantias de dinheiro, usando de vários expedientes para disfarçar da solidariedade da classe.

O Tavares illudiu uma vez, em 1917 ou 1918, abusando da sua qualidade de delegado da F. M., a tripulação de um barco de pesca do bacalhau, declarando terminada uma greve que ainda não estava solucionada, isto para ser útil a um parente que era capitalista.

Outra nota apontada pelo sinatário da carta: numa reunião que se efectuava no dia 4 do corrente, o Tavares mandou apalpar pela policia um operário que não era de sua feição, andando depois a puxar de uma pistola para dirigir ameaças a todos. Mais: o Tavares costuma agredir ou insultar quantos precisam da solidariedade da associação.

Aviação de passageiros

PARIS, 14.—No aeródromo de Le Bourget aterrou ontem um aeroplano alemão vindo da Colónia e transportando sete passageiros. Foi este o primeiro aparelho alemão que veio até Paris depois da guerra.—L.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças

A força dos convalescentes

A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE

a representação da interessante peça

Papillon, bom rapaz

Nos primaciais papéis:

Maria Pia, Otelo de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Alice Ogando, Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos e Emilia Fernandes.

Teatro MARIA VITÓRIA

Telef. N. 3644

2 SESSÕES—A's 8 h2 e 10 h2

Novos e sensacionais atractivos na imortal revista

FOOT-BALL

Os quadros novos

O Almoceve das Senhas

— E —

A volta ao lar

DESPORTOS

LUTA

O torneio internacional no Coliseu dos Recreios No ring do Coliseu dos Recreios vão hoje travar-se duas interessantíssimas pugnas, destinadas sem dúvida a despertar um intenso movimento de curiosidade entre todo o público apreciador dos espectáculos desportivos. Uma delas é o combate, até à vitória de qualquer dos adversários, entre Zbyshko e Kornatz a pedido deste último lutador, animado pelo magnifico resultado obtido no seu primeiro encontro com o russo.

A outra é a desforra em luta livre concedida por Grilo e Pietrowitsch.

Há ainda um terceiro combate que colocará Debie em frente de Yago, proporcionando ao público mais uma das belas exhibições do grande campeão.

Bemformoso Atlético Club

O Bemformoso Atlético Club, para completar as festas do seu aniversário, iniciadas no dia 2 do corrente mês, leva a efeito amanhã uma prova pedestre de 5 quilómetros, inter-clubes, na qual se disputará uma taça denominada «Reinaldo dos Santos» e bem assim seis artísticas medalhas, sendo três em prata.

Os regulamentos para a inscrição, encontram-se patentes na sede deste clube, rua do Bemformoso, 117, loja, até às 23 horas de hoje.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Loureiro Marques» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Ocidental e por via Funchal para a Africa Austral, Cap-Town, Elisabeth e Africa Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências ordinárias às 13 horas e para a registada recebe-se até às 11.

Também por via Espanha e Gibraltar se expedem malas do correio para a ilha de Timor, efectuando-se a última tiragem às 17,40.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático «Os Combatentes». —Promovida pela direcção desta colectividade realiza-se amanhã uma festa de homenagem aos sócios honorários com o seguinte programa: sessão solene, às 15 horas; lanche às crianças filhas de sócios; quermesse e baile às 21 horas.

Abrihanta esta festa, que está incluída no número das que a direcção promove nos meses de Maio e Junho, a tuna do Clube Recreativo Musical 6 de Setembro de 1933.

Centro Escolar Hespanhol. —Hoje, às 20 e meia horas, festa de homenagem a António Vitorino Machado, com um programa variadissimo.

Grupo Solidariedade Operária.

Convida-se os camaradas que têm bilhetes, e ainda não prestaram contas da festa da camarada Aparicio, o favor de o fazerem hoje, das 21 em diante.

Sociedade «Estoril»

Alterações ao horário

No intuito de melhorar o actual serviço de combóios aos domingos e dias feriados, a Sociedade «Estoril» resolveu estabelecer, nestes dias o C.º n.º 203, directo, que parte do Estoril 14,38, Estoril, 14,41, Monte Estoril 14,44 e chega a Cascais às 14,46.

Nesses dias não se realiza o C.º n.º 201, directo, que parte do Cais do Sodré às 18,55. Esta alteração entra já em vigor amanhã.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa. —Reúne-se hoje a assembleia geral da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, pelas 5 horas da tarde, em 2ª convocação.

Proibição Social.

Reúne-se hoje, às 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos: Leitura, discussão e votação do relatório do ano findo e parecer do conselho fiscal.

AGREMIações VARIAS

Grémio do Minho. —Promove para amanhã interessantes festas de inauguração da sua nova sede, rua dos Anjos, 13, com uma sessão solene às 14 horas e na qual falarão os representantes dos grémios regionais e outros oradores. Pelas 21 horas realiza-se um serão de arte seguido de baile que será abrihantado por um quarteto. No dia 20 as 21 horas o sr. dr. Carneiro de Moura fará uma conferência pública sobre assuntos regionais.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Nacional

A comédia de Louis Benière «Papillon, o bom rapaz», tradução de António Pinheiro

«Papillon, o bom rapaz», comédia de Louis Benière, são três actos alegres, vados um pouco em moldes antigos, com técnica rudimentar e situações jocosas.

Não custa a ouvir, dispõe bem e constitui um ótimo aperitivo para quem vai ao teatro para se rir. Com todo o seu sans-façon, a peça tem a sua filosofia que consiste na observação da moral burguesa, quando ela tem que esbarrar com certas conveniências e interesses.

Do primeiro papel encarregou-se Otelo de Carvalho. Operário de bons sentimentos, generoso, tendo da vida uma noção de desprendimento e de franqueza que os meios abastados desconhecem, atravessa os três actos com bonomia, e o ridiculo de algumas atitudes é atenuado com a sua bondade inata.

Otelo de Carvalho realizou a personagem com inteligência e naturalidade. Algumas das suas atitudes satisfizeram-me incondicionalmente. Ribeiro Lopes num tipo de juiz austero na magistratura, mas de pouca consistencia moral como homem, conservou-se com apuro, honrando-o o seu trabalho. Maria Pia bem, na sua malícia feminina. Boa inflexão e equilíbrio de gestos. Isilda de Vasconcelos visivelmente preocupada com qualquer coisa que a contrariava, foi um tanto artificial. Extranhámos esta apreciável arista.

Alice Ogando muito gentil, dizendo com um agradável ritmo. Luís Pinto muito bem no picantesco e arteiro notário. Silva Assis um tanto monocórdico.

Os outros artistas correctamente. Encenação cuidada. Boa a tradução de António Pinheiro, que numa pequena rábula manteve o seu belo nome de artista.

Nogueira de BRITO

Noticias

«Encantadora «cancionista» valenciana Solita Sanahuja foi anteontem oferecida uma festa de homenagem, no «Bal-Tabarin Montañan», onde foi descerada uma lápide, havendo em seguida um «copo de água». Assistiram representantes da imprensa, tendo-se pronunciado muitos discursos de saudação a Solita Sanahuja e a Maximiano Ferreira, seu empresário.

Solita Sanahuja é incontestavelmente uma das melhores artistas do seu género que nos tem visitado, possuindo apenas o grande defeito de não ter encontrado padrinhos na imprensa que lhe façam realçar os seus méritos.

Reclames

«O Rosário» está apresentado com requintado bom gosto, sendo esplêndida a montagem da Sociedade de Decorações Scénicas e de holo eiteiro os scenários de Mergulhão e Leitão de Barros. Hoje, no Ginásio, é a 2ª representação de «O Rosário».

«Interessantíssima peça «A Galdéria», de que ontem se fez «reprise» no Apolo, atraiu ali grande concorrência. É uma peça cheia de peripécias com belas situações, que comovem no despertar da sensibilidade do público. A protagonista foi, agora, Ofélia Brochado, que manteve os seus créditos de actriz inteligente e estudiosa, cujos progressos se acentuam de peça para peça. Palmira Torres e Rafael Marques, artistas consagrados, nos seus respectivos papeis apresentaram magníficos trabalhos, aos quais o público prodigalizou os seus aplausos. O conjunto de desempenho nada deixou a desejar, e hoje na repetição de «A Galdéria», deve o Apolo ter nova enchente.

«Avelino de Almeida, um dos criticos mais autorizados em matéria de critica, entende que o público para aplaudir os quadros novos da revista do Maria Vitória, espontânea e sinceramente, não carece do reboque da claque e é de opinião que «O almocreve das senhas» é uma «charge» oportuna e espirotuosa para rir a bom rir, como «A volta ao lar» é um episódio, em que Hortense Luz demonstra o seu alto valor dramático, como na «Lavadeira de Canegás» afirma a sua magnifica aptidão para o «couplet». Os dois lindos quadros repetem-se todas as noites com a revista «Foot-Ball» e os bailados das «Girls».

«Hoje é dia de festa no Teatro da Trindade, visto a récita desta noite ser dada em homenagem à Orquestra Sul-Americana (brasileira). Completa o espectáculo a comédia «O homem das 5 horas», o grande êxito dos últimos tempos, 3 horas de permanente gargalhada.

A'manhã há matiné, apresentando-se a comédia e a orquestra jazz-band.

Ultimas notícias

O CONFLITO OPERÁRIO NA INGLATERRA

Os ferroviários foram atendidos

LONDRES, 14.—Foi estabelecido um acordo entre as Companhias de Caminhos de Ferro e os «trade-unions», devendo o regresso ao trabalho realizar-se à medida das necessidades do serviço e segundo a antiguidade do pessoal em cada posto e em cada estação, depósito ou oficina.

Pelas companhias é declarado que haverá certas transferências por motivo de serviço, sem que isso implique qualquer diminuição de salários e notificando semanalmente o sindicato dos nomes do pessoal que será transferido, a-fim-de cada um poder levar o seu caso até ao director geral.

Este acordo não é extensivo ao pessoal que tenha tomado parte em actos de violência ou de intimidação.—L.

Prosseguem as negociações

LONDRES, 14.—O sr. Baldwin, referindo-se hoje na Câmara dos Comuns ao problema mineiro, declarou que as negociações prosseguem, tendo chegado à conclusão de que as duas partes interessadas não chegaram por si próprias a um acordo.</

AGENDA
CALENDÁRIO DE MAIO

T.		11	18	25	HOJE O SOL									
Q.		12	19	26	Aparece às 5,25									
Q.		15	20	27	Desaparece às 19,41									
S.		14	21	28	FASES DA LUZ									
S.	1	8	15	22	L. C. dia 27 às 11,49									
S.	2	9	16	23	Q.M. " 5 " 3,5									
S.	3	10	17	24	L.N. " 11 " 22,55									
S.	4	11	18	25	Q.C. " 19 " 17,48									

MARES DE HOJE

Frisamar às 4,55 e às 5,19

Baixamar às 10,23 e às 10,49

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid, cheque	2583	—
Paris, cheque	5615	—
Suiza, cheque	3678	—
Bruxelas, cheque	5615	—
New-York, cheque	19555	—
Amsterdão, cheque	7579	—
Itália, cheque	375	—
Brasil, cheque	2855	—
Praga, cheque	558,5	—
Suécia, cheque	5524	—
Austria, cheque	2577	—
Berlim, cheque	4507	—

ESPECTÁCULOS

Teatros
 Nacional.—As 21.—«Pápio», bom rapaz.
 São Luís.—As 21,15.—«Mam'zelle Nitouche».
 Ginásio.—As 21,30.—«O Rosário».
 Politeama.—As 21.—«Variedades».
 Epitáfio.—As 21,45.—«A Galéria».
 Trindade.—As 21,15.—«O Homem das Cinco Horas».
 «Orquestra Sul Americana».
 Coliseu dos Recreios.—As 21.—Luta.
 Renúncia.—As 21,15.—«O Pão de Ló».
 Maria Vitória.—As 20,30.—«Foot-Balls».
 Estádio 205.—As 21.—«Variedades».
 Joaquim de Almeida.—As 20,30 e 22,30.—«Fox-trot».
 Cinema Elvicense (4 Graças)—«Espectáculos às 3».
 2.ª, 3.ª e domingos com ematins.
 Legião Parag.—Toda as noites. Concertos e di-
 versões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Ter-
 reiro.—Ideal.—Arco.—Bandeira.—Promotora.—Esperança
 1.ª.—Cine Paris.

PEDRAS "METAL AUER"
 PARA ISQUEIROS
 VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO
 DO CONDE BARÃO, 55
 Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 2\$500
 Pedra grande, duzia, \$80

CONSULTAS MEDICAS
 PARA AS CLASSES
 POBRES
 Todos os dias, às 7 horas da tarde
FARMÁCIA SIMÕES
 Rua Infante D. Henrique, 54
 (a São Tomé)

DR. ARMANDO NARCISO
 Médico do Hospital de Santa Maria
 CLÍNICA MÉDICA
 Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,
 (à Rua do Amparo)
 Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lu-
 ciano Górdio)

Edições de "A Sementeira"
 Práticas neo-maltusianas. \$50
 O sentido em que somos anarquistas \$30
 A peste religiosa. \$40
 A Liberdade. \$50
 A Internacional (música e letra). \$30
 Pedidos à BATALHA
 ou no Cais do Sodré, 83

Edições SPARTACUS
 Acabam de aparecer:
 A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
 por Campos Lima, \$300.
 Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
 Mário Domingues, \$500.
 A venda nas livrarias e na administração
 de A Batalha.
 Depósito: «Livraria Renascença Portu-
 guesa», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—
 Lisboa.

LA NOVELA SOCIAL
 LA REDENCIÓN DE PIERROT
 É o título do n.º 3 da interessante colecção
 de novelas que se publicam em língua
 espanhola sob o título genérico de *Novela*
Social, encontrando-se à venda na nossa
 administração ao preço de \$50. Pelo correio
 \$70.

os artistas, a plebe, decidir-se há enfim a aniquilar o
 opressor e a esmagar a realidade?

Mal o sapador acabava de pronunciar estas pala-
 vras, quando o administrador da Rochela, Tiago
 Henriques, entrou precipitadamente, e disse a Luis
 Rennepont:

—Meu amigo, algumas palavras proferidas por
 vós, ao chegar, perante várias pessoas que encon-
 trastes, foram repetidas de boca em boca, e toda a cidade
 está ansiosa por notícias certas!... Será verdade que
 o sr. de Coligny foi assassinado?

—O sr. de Coligny foi assassinado!—repliquou
 Luis Rennepont. Todos os chefes protestantes foram
 degolados! Todos os protestantes de Paris foram
 mortos durante a noite de São Bartolomeu! Em Etampes,
 Orleans, Blois, Tours, Poitiers, continua o exter-
 minio, que deve ter já ensanguentado todas as cidades
 de França... Aqui está a verdade...

—A's armas! e que o Senhor nos proteja!—bradou
 Tiago Henriques com violenta energia. Preparemo-
 nos para uma defesa desesperada... A Rochela é a
 única cidade fortificada que está em poder dos hugue-
 notes, e por isso Carlos IX não tardará a cercar-
 nos... O debate vai tocar... O conselho da cidade,
 reunido daí a uma hora, vai proclamar a Rochela
 em perigo... A's armas, cidadãos! Guerra de morte
 contra o rei e contra os católicos, contra os assassinos
 dos nossos irmãos! A's armas!...

Antes de narrar o cerco da Rochela, em que, filhos
 de Joel, tomou uma parte gloriosa a nossa família,
 homens e mulheres, eu, Antonicq Lebrenn, que escre-
 vo esta legenda, julgo dever, em poucas palavras,
 relatar-vos as consequências da terrível noite de São
 Bartolomeu, consequências tão contrárias à sinistra
 esperança de Carlos IX e da mãe.

Ambos, como tinha afirmado a italiana ao jesuíta
 Lefèvre, julgavam acabar de vez com os huguenotes
 por meio desta matança imensa, oferecida ao papa de
 Roma e ao rei das Espanhas Filipe II. Na noite da

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
 todos os trabalhos que digam res-
 peito à sua indústria, tais como:
 edificações, reparações, limpe-
 zas, construção de fornos em to-
 dos os géneros, jazigos em to-
 dos os géneros, fogões de sala, xa-
 drés, frentes para estabelecimentos
 e todos os trabalhos em cantarias
 e mármore de todas as prove-
 niências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

FATOS
completos e
sobretudoem bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

batimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina: coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
cizo—As 5 horas.
Ginecologia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.
Peis: sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff-
—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—
12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 ho-
ras.
Doenças das senhoras—Dr. Enílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Rin X—Dr. Alu Saldaña—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às
10 horas.
Dr. António Monteiro—Clínica geral,
senhoras e crianças, às 11 horas.
Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias
urinárias, às 13 h 12.
Dr. António Fernandes—Medicina geral
e doenças nervosas, às 15 h 12.
Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos,
às 15 h 12.
Dr. João de Moraes Sarmento—Gineco-
logia e operações, às 16 h.
Dr. Raival Saavedra—Peis, sífilis e pul-
mões, às 17 h.
Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz
e ouvidos, às 15 h 12.Análises clínicas, electroterapia,
maçagem e ginástica médica

ESPELHOS

Aos melhores preços

Aven. Almirante Reis, 24-A

TELEF. N. 4060

PAPELARIA
VIÚVA MARQUES
(Viúva de Manuel da Costa Marques & C., Limit.)
Variadíssimo sortimento de artigos para escritório
Telefone: C. 2676 Rua do Ouro, 36—LisboaO AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSIVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxis "Citroën" (palhinha ama-
rela) a qualquer outroTelefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

BOTAS

CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

E

SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde 45\$00

Botas para homem em vitela preta

desde 50\$00

Botas para homem forma da moda

côr ou preta a 75\$00

Sapatos verniz senhora a 60\$00

Sapatos crepe ceilás última moda

Botas crepe ceilás última moda

Grande quantidade e variedade de

calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar

nesta casa e apresente este anúncio.

Ver os preços de sensação nas nos-
sas montanhas.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

PRODUTOS ZEDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos

Pílulas virilgenicas, o melhor

preparado para a fraqueza genital.

Pílulas Hemofilia, regularizador

das menstruações.

Ovaralgina, o melhor preparado

para as dores que acompanham a mens-
truação, de efeitos garantidos.

Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA

Calçada de Santo André, 16

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio
de 1919 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o ho-
rário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$2.
Aos sindicatos que desejem adquirir quantida-
de far-se-á um abatimento de 50 p. cento em pa-
quetes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

MELINA

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida & C., Limit.

Rua do Largo do Cerco Santo, 10, 1.º—Lisboa

Telefone C. 2422

Agentes no Funchal

ELMANS S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore	5\$00	bowski, 1 volume de 38 pági- nas.....	3\$00
Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch, 1 volume de 44 páginas	5\$00	Hebreaj Rakontoj	—
Aspazio	—	Contos humorísticos de Salam- Alehem, traduzidos por Is. Mu- nik, 1 volume de páginas.....	6\$00
Tragédia em 5 actos de Sijento- howski traduzido pelo dr. Leono Zamenhof, 1 volume de 157 pá- ginas.....	8\$00	Historio de la Lingvo Esperanto	—
La Avarulo	—	Desde 1887 a 1900, Assunto sem- pre versado nos exames com- plementares de Esperanto, 1 vol. de 74 páginas.....	6\$50
Comédia em 3 actos de Moidre, tradução de Sam Meyer, 1 vo- lume de 64 páginas.....	5\$00	Imenlago	—
La Barbiro de Sevilha	—	Novela de Theodor Storm, tradu- ção de Alfred Bader, 1 volume de 33 páginas.....	3\$00
Comédia em 4 actos de Beaumar- chais, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas.....	4\$00	La Interrompita Kanto	—
Bildotabluj	—	Pela Sino. Orszeko, tradução de Dr. Kabe, 1 vol. de 79 páginas..	3\$50
De Thora Goldsch mt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estam- pas elucidativas; é indispensá- vel, 1 volume encadernado....	15\$00	Kantje	—
Chaves de Esperanto	—	Peça em 4 actos de Paul Spada, tradução do dr. W. van der Biest, 1 volume de 111 páginas.....	8\$00
Pecúenias, absolutamente portá- teis, esplêndidas como auxi- liar e para propaganda, contem- do gramática e vocabulário....	5\$0	Kanto de Triunfanta Amo	—
Elektilaj Poemoj	—	Por Ivan Turgenev, tradução de dr. Andree Fiser, 1 volume de 32 páginas.....	2\$00
De Henri Heine, tradução de Frie- drich Pillath, 1 volume de luxo	2\$60	Kurludo de Teroj	—
La Elementoj kaj la Vortfarado	—	Original de A. Carles, 1 volume de 50 páginas.....	3\$50
De Cefce, Gramática e sintaxe em Esperanto, Muito interessante, 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Kurso Tutmonda laŭ la Metodo Natura	—
esperanto et Croix-Rouge	—	Original de Emile Gasse, 1 vol. de 57 páginas.....	2\$50
De Bayol, Em francês e Esperan- to, com a terminologia milita- re e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.....	2\$50	La Kvar Evangelioj	—
Enklopedioj Vortaroj Esperanta	—	Reinúdos num conto pelo padre Laisney, 1 volume de 196 pági- nas.....	8\$00
De Verax, com explicações em Es- peranto e tradução em francês, volume de 284 páginas.....	20\$05	Kvin Noveloj	—
Esperantaj Poemoj	—	De L. E. Meyer, tradução de di- versos, 1 volume encadernado..	5\$00
De C. Chr. Dreogendijk.....	2\$30	Lupo, Hundoj kaj Homoj	—
Esperantaj Prozaĵoj	—	Novela de Adolph Dyganski, tradução de Br. Kuhl, 1 volume encadernado.....	2\$50
De diversos autores, 1 volume de 246 páginas.....	8\$00	La Rego de la Montoj	—
Fantomo en Zubli	—	Romance de Ed. About, tradu- zido por Gaston Moch, com linhas ilustrações de Gustavo Doré, 1 volume de 243 páginas	12\$00
De Kolomano Mikszath, tradução de Eugenio Forster.....	4\$00	La Revizoro	—
Fatala Suldo	—	Comédia em 5 actos de N. V. Go- gol, 1 volume de 100 páginas..	8\$00
De Leonel Dalsace, obra teosófi- ca traduzida por E. F. Cense, 1 vo- lume de 318 páginas.....	12\$00	La Rompantoj	—
Fraulino Suzano	—	Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto, 1 volu- me de 44 páginas.....	4\$00
Novela por Avejeiko, tradução de P. Medem, 1 volume.....	3\$00	L. Rabistoj	—
Frenezo	—	Drama em 5 actos de Schiller, 1 volume de 144 páginas.....	10\$00
Dois dramazinhos em 1 acto, ori- ginais de F. Pajula-Vallés, 1 volume de 40 páginas.....	3\$00	Matematika Terminaro	—
Fundamenta Krestomatio	—	Por Bricar, 1 volume de 60 pági- nas.....	5\$00
Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir, 1 volume de 460 pági- nas.....	15\$00	Misterio de Doloro	—
La Fundo de l' Mizero	—	Drama de Adria Gual, tradu- zido do catalão por F. Pajula- Vallés, 1 volume de 96 páginas	3\$00
De Vlacav Sierosevski, tradução do dr. Kabe, 1 volume de 88 páginas.....	3\$00	Monadologio	—
Georgo Dandín	—	De Leibnitz, traduziu Reitor E. Boirac, 1 volume de 31 páginas	3\$00
Comédia em três actos de Mo- ldre, engraçadíssima, 1 volume de 52 páginas.....	6\$00	Plena Vortaro Esperanto-Esperanta	—
halika	—	Por Emile Boirac, 2 volumes de 430 páginas.....	30\$00
Opera em 4 actos, texto de Wols- ki, tradução de Antoni Gra-	—	Porvo de Marieta Terminaro	—

**TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio
de carta registada na qual será enviada a importância res-
pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio
e registo.**

Os preços de porte são os seguintes:
 Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10, Encomendas postais, até 1
 quilos, \$5\$0.
 Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.
 Américo Norte — Pacotes até 5 quilos, \$5\$0.

matança, Carlos IX, ainda ébrio dos vapores do san-
gue, dizia alegremente a Catarina de Médicis:
 —Então, mãe, não representei bem o meu papel?
 Não aproveitei bem a lição de meu avô Luis XI:
 Qui nescit dissimulare nescit regnare (quem não sabe
 dissimular não sabe reinar)?
 «Este monstro de vinte e dois anos apenas—diz
 Brantôme—teve grande gosto de ver passar-lhe debaixo
 das janelas mais de quatro mil cadáveres de pessoas
 assassinadas ou atogadas que flutuavam à superfície
 do rio.»
 Ele foi também alegremente a Montfaucon rego-
 siar-se com o aspecto do cadáver mutilado de Coligny,
 amarrado às correntes do cadafalso pelo bando de
 frei Hervé.
 Alguns cortejos queixavam-se do cheiro pútrido
 destes restos humanos, ao que Carlos IX replicava:
 —O cheiro do cadáver dum inimigo faz sempre
 bem!...
 O número de vítimas da noite de São Bartolomeu
 em Paris e nas outras cidades de França foi de
 cinquenta a sessenta mil pessoas.
 Como era preciso legar à posteridade a memória
 deste crime católico, Favier, director geral da casa da
 moeda, apresentou ao rei, a 3 de setembro de 1572,
 duas medalhas comemorativas da piedosa vitória da
 Igreja contra a heresia. Carlos IX era representado no
 trono, com o sceptro numa mão e a espada na outra,
 calcando cadáveres aos pés. A medalha tinha esta
 divisa: «A piedade do príncipe excitou a sua justiça».
 A outra medalha tinha o busto do rei, com esta inscri-
 ção: «Carlos IX, vencedor dos rebeldes, 24 de agosto
 de 1572.» No reverso desta medalha via-se Hércules
 esmagando uma hidra.
 Quatro dias depois da noite de São Bartolomeu,
 os sinos de todas as paróquias de Paris, que tinham
 dado o sinal para a matança, repicavam alegremente,
 para anunciar aos fiéis um jubileu universal em acção
 de graças para com a Providência.
 Digamos agora, para honra da humanidade: houve

um governador —um só!—que ousou protestar contra
 o crime. O visconde de Orthez, governador de Bayon-
 na, respondeu à ordem para o exterminio enviada por
 Carlos IX: «Senhor, eu comuniquei a ordem de Vossa
 Magestade aos seus fiéis súbditos e homens de guerra.
 Nêles encontrei bons cidadãos, valentes soldados, mas
 nem um carrasco. Eis porque, eles e eu, muito humil-
 demente suplicamos a Vossa Magestade que haja por
 bem empregar em coisas possíveis os nossos braços e
 as nossas vidas, que vos pertencem, contanto que fique
 intacta a nossa honra.»
 A notícia da matança de São Bartolomeu, explo-
 diram em Roma e em Madrid enormes aclamações
 de júbilo!
 Filipe II, não se arrependendo já de ter tido paci-
 ência, como lhe aconselhara Catarina de Médicis, por
 intermédio do jesuíta Lefèvre, escrevia a esta rainha:
 «Beijo-vos entusiasticamente as mãos por me terdes
 anunciado a grande nova!»
 O papa Gregório XIII, a frente do sacro colégio
 dos cardeais, foi prostrar-se perante os altares e agra-
 decer ao deus dos católicos por ter deixado cair o seu
 braço vingador sobre a heresia. Em Roma, como em
 Paris, foi cunhada, em memória da matança de São
 Bartolomeu, uma medalha, tendo dum lado o busto
 de Gregório XIII, e, do outro, um anjo exterminador,
 imolando huguenotes. Hugonotorum strages (matança
 dos huguenotes), dizia a inscrição na sua ingênua
 ferocidade.
 Além disso, sentindo o piedoso desejo de perpetuar
 aos olhos da posteridade este infame sacrifício humano,
 o papa mandou pintar e expor publicamente no Vati-
 cano um quadro representando a matança dos he-
 rejes.
 Finalmente, a 5 de novembro de 1572, um édito
 régio declarou que «o rei Carlos IX não queria sofrer
 no seu reino outra religião senão a católica, apostó-
 lica e romana; e olharia como traidores e fora da lei
 os que para o futuro persistissem na heresia.»
 Entre os protestantes escapados à matança, muitos

deixaram a França; um pequeno número deles, cheios



SOB O IMPERIO DE NORTON

A Companhia Geral de Construções de Angola, ao abrigo de uma iníqua concessão do governo, martiriza os negros que lhe caem na alçada

Vamos ver como a Companhia Geral de Construções multiplica os seus capitais à custa da miséria e da vida do trabalhador indígena.

Que não realizaria o contrato se ele lhe não oferecesse a ambiciosa vantagem da multiplicação das cotas dos associados, desnecessário se torna dizê-lo. O que interessa é esclarecer a forma escandalosa como aquela sociedade auferia fabulosos lucros, de acordo com os representantes do Estado, primeiros proprietários das populações que dominam, reduzindo-a à miséria, pervertendo-a, degenerando-a e matando-a abrupto ou lentamente, por diversíssimos processos e com múltiplas armas.

Duzentos, quatrocentos, mil, etc., trabalhadores que a Companhia tinha ao seu serviço, recrutados segundo o contrato — são pretos. Cem, duzentos, quatrocentos, etc., que também exploram, recrutados extra contrato, admitindo-os ao seu serviço como qualquer patrão admite um criado — são pretos. São todos pretos que trabalham para o mesmo dono, todos negros, todos escravos, todos sujeitos aos seus verdugos, senhores daquelas legiões de sudras, burros de carga, bichos que nem sensibilidade física têm...

Dos explorados segundo o acordo Governo-Sociedade, um é «Gebo 1.º» ou «2.º», podendo também chamar-se *Banda, Zua, Futa*, etc.; mas torturados, angariados directamente pela Companhia, vamos encontrar nomes idênticos. O distintivo deles é um farrapo de sarapilheira envolvendo as regiões fêmur-iliacas, ou um pouco de riscado-zebra em forma de cascão e calça.

Absolutamente impossibilitados de trabalhar, os que não morrem pelos cantos ou pelo caminho, hospitalizam-se, acompanhados, numa guia, definitiva ou provisória. Muitas vezes a guia ou qualquer papel que os acompanha, nem os nomes descreve.

«Vão dar baixa ao hospital...» — trabalhadores indígenas... — e lá ficam hospitalizados sem que seja possível saber-se se todos ou parte deles e quais são os que são objecto da Companhia em ou fora da conformidade do contrato. A Sociedade é que diz, distinguindo com o carimbo que põe nas guias, quais os que têm direito a hospitalização gratuita.

Estamos a compreender que o carimbo é colocado segundo os interesses da contratante, que tem margem suficiente para proceder conforme os seus gananciosos desejos.

Os serviços utilizados pela Companhia em harmonia com o contrato de comprados

Uma reclamação dos moços de fretes de Coimbra

COIMBRA, 13. — Os jornais locais inseriram, há dias, a seguinte notícia:

«A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra reclamou perante o sr. governador civil no sentido de se acabar com a exploração exercida da parte dos moços de fretes pedindo aos viajantes somas fabulosas pelo mais insignificante serviço que lhes prestam».

A propósito desta notícia fomos procurados por uma comissão de moços de fretes, pedindo-nos para que nas colunas de *A Batalha* esclarecamos o que há de injusto naquela reclamação, o que gostosamente fazemos, para se tratar dum classe de trabalhadores que alugam os seus braços para serviços bem árduos, muitas das vezes em troca dum paga mesquinha.

Dizem-nos aqueles camaradas que os moços de fretes, no geral, não desempenham serviços aos viajantes; quem costuma fazer esses serviços são carregadores de número ao serviço da Companhia de Caminhos de Ferro; se de facto existissem exploração para com os viajantes, essa é exercida pelos corretores e porteiros dos hotéis, pois são estes que tomam conta das malas dos viajantes e as entregam depois aos moços de fretes para as conduzirem ao seu destino; o pagamento deste trabalho é sempre de antemão combinado; portanto, a haver exorbitância nos preços, dela não têm responsabilidade os moços de frete; os corretores e os porteiros é que pedem o que entendem aos passageiros.

Fica, assim, esclarecido este assunto, para conhecimento do público, pois não é justo que uma classe sofra o odioso dum acto que não é por ela praticado. — C.

SOLIDARIEDADE

Pró-António Rodrigues Duran

No Grupo Excursionista 8 de Setembro realiza-se hoje, com início às 20.30 horas, uma grandiosa festa de fado em homenagem a António Rodrigues Duran, com o seguinte programa: 1.ª parte: palestra sobre o fado, por Manuel Soares; variações sobre o guitarrista Salvador Freire e seu viola Georgino de Sousa. 2.ª parte: canção nacional por Joaquim Campos, Raúl Brinque, Raúl Ceia, Júlio Proença, Estanislau Cardoso, Alfredo dos Santos e José Leitão. 3.ª parte: variações pelo guitarrista Raúl Gil e seu viola Armando Machado; canção nacional por Vitorino Godinho, José Júlio, Artur Ataíde, Fausto Ferreira, Manuel Portugal, António Lado, Joaquim Viegas e Joaquim Cruz. 4.ª parte: variações pelo guitarrista António Gomes e seu viola J. da Mata; canção nacional por Amadeu Valente, Alfredo Duarte, Júlio Duarte, Armando Tavares, Albino Alves, Júlio Martins, Ventura Barros e Carlos Ribeiro; fado jocoso por Artur Rodrigues (Intendente), Armando Barata e José Ribeiro. Dirige esta festa o conhecido poeta Manuel Soares.

Contra o regime de passaportes

GENEIRA, 14. — Pela conferência internacional de passaportes foi unanimemente reprovada a criação dum passaporte especial para os emigrantes. — L.

pretos, têm direito a hospitalização grátis, segundo as condições em que o Estado os vende. Ora visto que todos são negros e que na epígrafe *Despesa*, da Sociedade, não entram os dispêndios com a hospitalização, convém que o número dos vendidos pelos Nortons seja acrescido, tanto quanto possível e sempre necessário se torne, dos comprados pela Companhia sem a intervenção do Estado.

Supondo que a empresa hospitalize, durante o ano, 1000 pretos e que eles estejam, em média, 8 dias, cada um, internados no hospital, temos 8.000 dias de tratamento. A diária pertencente ao hospital, na classe em que eles são tratados, é de 4500 o que é equivalente a dizer que a Companhia lucra 36 contos por ano. Isto feitas as contas segundo um cálculo muito desfavorável ao caixa, pois que não metemos os consideráveis lucros com as intervenções cirúrgicas gratuitas.

O negro, o cão, o bicho fica com uma perna ou um braço a menos, fica impossibilitado de trabalhar?

Fica, sim, mas os autores da fatalidade não querem saber disso. O que lhes interessa é enriquecer à custa dos pobres selvagens.

Ainda bem que não há junto daquela Companhia um administrador por parte do governo. E que se o houvesse, teríamos ocasião de dizer que faria tanto como faz o sr. Gões Pinto junto da Companhia dos Diamantes de Angola.

Os mares de Angola são riquíssimos em peixe, a terra ubérrima, extensa e pitoresca, e todavia o preto, o verdadeiro proprietário de toda essa riqueza, passa fome, muita fome, comendo peixe seco, podre e pouco, vive torturado, aprisionado, sem ter uns farrapos, sem cama, sem casa, sem um palmo de terra que possa considerar propriedade sua!

Desde os povos latinos, desde que os chamados civilizados empreenderam a travessia dos mares e aportaram a essas terras a que chamaram inóspitas, povoadas de milhões de seres livres e felizes a quem chamaram incultos, selvagens e bárbaros; desde que o comércio, a indústria e a terra ficaram sendo propriedade dos dominadores; desde que a seita negra dos padres e a sanguinária militância se declararam senhores absolutos dos bichos, aqueles povos viveram fugir-lhes toda a felicidade, ficando reduzidos à triste condição de escravos, sendo flagelados, prostituídos e mortos em nome do Patriotismo, Civilização e Deusmo.

Lutai pela vossa libertação, pela felicidade primitiva!

Correia de SOUSA

Vamos ter novos «chauffeurs»

Uma comunicação da Associação de Classe dos Cocheiros de Lisboa

A Associação de Classe dos Cocheiros pede-nos a publicação do seguinte comunicado:

«Dos esforços tentados pela Associação de Classe União dos Cocheiros de Lisboa, resultou a concessão dum carro «Dodge», tipo militar, o qual se encontra na garagem da Cooperativa dos Chauffeurs Lisboenses. Estão em curso as negociações entre aquela colectividade e o Sindicato dos Chauffeurs do Sul de Portugal para efectivação dos fins em vista: Fazer dos cocheiros, com habilitações físicas e literárias, novos chauffeurs.

Do mesmo modo será aproveitada a oferta, também generosa do Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria na instrução dos cocheiros analfabetos, de molde a poderem habilitar-se ao novo modo de vida.

Tem-se também assim em vista garantir os camaradas que pela velhice ou outros motivos estão inabilitados de seguir outro rumo ficando colocados nas cocheiras que subsistirem.

Por esse motivo devem principiar na próxima semana os trabalhos de aprendizagem facultados por camaradas chauffeurs que ao seu sindicato se ofereceram.

A direcção da Associação de Classe dos Cocheiros vai em nome da classe manifestar o seu reconhecimento às entidades que interferiram na tentativa da solução da crise, nomeadamente o presidente da Ministérios e o ministro da Guerra pela atenção para com os seus delegados e pela cédula do carro, assim como ao director e sub-director do Parque Automóvel Militar, que com boa vontade se dispuseram a colaborar na atitude benéfica dos poderes públicos.

Do mesmo modo a Associação dos Cocheiros torna publico, como um exemplo consolador, a acção da Classe dos Chauffeurs pelo espontâneo gesto de solidariedade, ressaltando o seu elogio à direcção do Sindicato na assistência às demarches feitas até agora.

'A Batalha' na provincia e arredores

Sintra

Ainda as selvajarias da G. N. R.

SINTRA, 13. — Ainda não se apagou da memória dos habitantes desta linda vila aquela scena de barbarismo da G. N. R. de que foi vítima, no posto da «briosa», o pobre Francisco dos Santos que ainda expia na prisão um crime que não cometeu.

Um dos guardas agressores, o 147, Manuel da Rosa, passeia livremente pelas ruas da vila como não lhe pesasse na consciência o repugnante crime a que na devida altura fizemos menção.

Consta que o Francisco dos Santos vai responder em breve, havendo grande ansiedade pelo julgamento e pela vindicta. A *Batalha*, nessa altura de um representante de *A Batalha*. — C.

As tristes patifarias dum Tristão e a subserviência duns tristõesinhos

Nos caminhos de ferro do Minho e Douro tripudia, entre outros da mesma força, o engenheiro Tristão de Almeida. Tem sob os seus domínios reaccionários a posse das oficinas daqueles caminhos de ferro, que se supõe pertencerem ao Estado, mas que, na realidade, são presa de meia dúzia de devoristas...

A fama do tal Tristão de Almeida é de grande nomeada, não só entre o pessoal das oficinas, mas também entre todo o pessoal ferroviário. Toda a gente sabe que em metendo ele o nariz em determinada coisa, não há ninguém que o vença: provas, razões, justiça, intervenção de outro poder mais alto — tudo é completamente vergado, torcido, como um varão de ferro no vulcão de um incêndio. O sr. Tristão consegue sempre um processo de aniquilar aquele com quem embicou.

Ora vamos por partes. O nosso camarada Saúl de Sousa, quando ainda estava na sacrossanta missão de bem servir, como militar, esta pátria de carrascos e de ladrões, entendeu meter os papéis da praxe para a devida repartição dos caminhos de ferro aludidos, a fim de um dia para lá poder ir, não vadiar como qualquer engenheiro «barato» a Tristão, mas trabalhar pela sua honrada profissão.

O tempo foi correndo. O nosso camarada, depois de sair da tropa, é mobilizado por conveniências do sr. Estado militarista, que sempre o achou, e achará ainda quando dele precisar, de perfeita saúde e muito desempenhado.

Uma vez saído do bafo da caserna, e em face da tremenda crise que principiou a grassar na indústria metalúrgica — como, aliás, em todos os trabalhos como prova de boa administração capitalista e estatal — o nosso camarada, sabendo que se ia dar um curso de artifícios para as oficinas do Minho e Douro, lembrou-se dos seus papéis todos apresentados em ordem — e quis concorrer.

Mas o engenheiro Tristão, que está sempre a argumentar patifarias, engenhou logo uma engenhoca pela qual a papelada requerente de Saúl de Sousa havia sido torpedeada: Saúl de Sousa ficaria assim impossibilitado de concorrer.

Saúl de Sousa insiste junto até do próprio director do Minho e Douro. E como este afirma que a vítima, custasse o que custasse, tinha de concorrer, o Tristão, ficando sem alma até Almeida, desengenhou o que tinha preparado — e os célebres papéis sempre deram sinais de vida, sempre apareceram...

No concurso, as provas de Saúl de Sousa foram tão claras, perfeitas e prontas, que o engenheiro das oficinas, o Tristão, não teve outro remédio senão render-se à evidência: ficou, por direito de rapidez e de perfeição, classificado em 2.º lugar.

Mas o veneno ainda não tinha terminado: Tristão, senhor da face e do queijo da injustiça, passando um dia, classifica o nosso camarada em 3.º lugar, depois em 4.º, depois em 5.º... e se não passou daqui, é porque alguém dissera que já era demais semelhante injustiça.

No entanto, foram, passado algum tempo, chamados cinco dos concorrentes para as oficinas e Saúl de Sousa ficou trançado...

O engenheiro, para descalgar a sua tremenda bota, lembrou-se então de submeter Saúl de Sousa a uma junta médica composta dos sapientísimos doutores Ramos Pereira, Barbosa de Araújo e Lemos Peixoto. E tão sapientísimos eles são, que a cicatriz de uma espinha lhe chamaram variz... para reprovar — segundo o plano combinado com o Tristão — atrás da porta — o nosso camarada.

A estúpida inspecção, porém, não pegou, porque S. Sousa, indo a um distinto clínico particular — senão estamos em erro, o dr. Santos Silva — demonstrou com um atestado autêntico que não tinha variz alguma, mas sim uma cicatriz de espinha sem importância...

Em face dos engulhos, nova inspecção, tendo momentos antes o Tristão de Almeida, com um jornal na mão, chacoateado Saúl de Sousa, por ele de véspera ter falado num comício anti-reaccionário... E como era indispensável, para o bom sossego dos engenheiros fascistas do Minho e Douro, inutilizar o *bolchevista*, a doutíssima junta descobriu, não a cura de qualquer enfermidade até hoje incurável — a malquieira do engenheiro, por exemplo, — mas que Saúl de Sousa tem o coração — psalmi, ó gentes! — pendido para o estômago, mesmo até, se possível for, metido no estômago — já que eles o não podem meter na boca e trincá-lo bem trincadinho...

Todavia, levaram tempo a despachar a decisão, tal a certeza os sábios da junta têm da sua marionete. Até que um dia, visto que era necessário engraxar o Tristão, o dr. Lemos Peixoto, todo ze ninguém, todo pivete, se armou em valente e assinou a sentença, segundo a qual Saúl de Sousa foi reprovado, isto é: em como tem o coração no estômago, como quem diz que o tem perto da boca por se revoltar contra a pulhice nacional e particular...

Bem disse o engenheiro Carlos Leal a S. de Sousa: «Homem! Você faça de conta que nunca pensou em vir para os caminhos de ferro. O Tristão, em embirrando, não há nada que lhe resista... E ele lá sabe o patife que é o Tristão...»

C. V. S.

Foram atendidos os «chauffeurs» de Algés

Os «chauffeurs» de Algés, que haviam sido mandados retirar da explanada, acabam de ver reconhecida, de facto, a sua justiça. O administrador do concelho de Oeiras revogou a sua ordem, pelo que os automoveis já se encontram fazendo praça junto da explanada, conforme o havia concedido a Sociedade Estoril.

Secção Telegráfica

JUVENTUDES SINDICALISTAS
Núcleo de Aljustrel. — Recebemos carta registada, vamos remeter na próxima semana emblemas e fotografias.
De Setúbal. — Recebemos officio.

HOJE

é pôsto à venda mais um número da revista gráfica de novos horizontes sociais

«RENOVAÇÃO»

que entre outra matéria cheia de palpitante interesse contém o seguinte:

A morte dos apóstolos, por *Ferreira de Castro*.

O Apóstolo e o Guerreiro, soneto de *Bento Faria*.

O direito à vida e a falta de sanidade nos bairros pobres (com gravuras).

A criança como motivo artístico (com gravuras).

O alecrim, a hera e o rosmarinho, por *Ladislau Batalha*.

O cinema moderno e o seu papel artístico e educador, por *F. de C.* (com gravuras).

Filhos de ricos, por *Nogueira de Brito* (com gravuras).

Um grande pintor dos oprimidos, por *Eduardo Frias* (com desenhos de Steinlen).

O mundo curioso.

Actualidades gráficas: O Congresso das Juventudes Sindicalistas; O Sindicato dos Empregados de Comércio e Indústria; De Lisboa aos Açores pelo ar; O pessoal dos tabacos; As manifestações do 1.º de Maio no Porto; O «Socorro Vermelho»; A Casa do Povo de Moreira da Maia.

29 gravuras no texto

PREÇO 1\$50

CONFERÊNCIAS

«A organização e a função das Escolas Livres»

COIMBRA, 14. — Na Universidade Livre realizou ontem o sr. Dr. Basílio Augusto Pereira uma interessante conferência sob o tema «A organização e a função das Escolas Livres». O conferente descreve detalhadamente qual a ideia que presidiu aos fundadores da Escola Livre de Oliveira de Azeiteis, de que ele é um dos orientadores.

A Escola Livre pretende dar ao homem rude do campo uma educação moral e artística fora de quaisquer pressões políticas ou religiosas. A Escola Livre organiza secções de Artes e Desenho, Agricultura, Educação Física, Música e Canto, Arte de Representar, etc. Estas secções vão sendo criadas dentro das possibilidades daquele organismo.

Está dentro do programa da Escola Livre combater o uso do tabaco e de bebidas alcoólicas, assim como combater qualquer jogo de cartas e todos os de azar, por imorais.

O conferente leu o programa geral da Escola Livre, fazendo largas considerações sobre os benéficos efeitos produzidos pela extensão da sua obra educativa, declarando que a mesma Escola já conta cinco sucursais em localidades vizinhas à vila de Azeiteis.

O sr. Dr. Basílio Augusto Pereira termina por pedir à assistência para fazer propaganda em prol daquela obra, pelo que ela representa de útil, de moral e de humanitário. No final foi entusiasticamente aplaudido.

— A Escola Livre de Azeiteis organiza uma excursão de estudo a esta cidade no dia 11 de junho, sendo de esperar que os excursionistas sejam bem recebidos por todos quantos se interessam pelos problemas de instrução. — C.

«As mulheres no teatro grego»

Hoje, pelas 17.30, subordinada ao tema «As mulheres no teatro grego», mais uma da série que a Sociedade dos Escritores Portugueses e União Intelectual organizaram para este ano, realiza o dr. Julio Dantas a sua anunciada conferência no São Carlos.

MOVIMENTO JUVENIL

Reorganizou-se o Núcleo das Juventudes Sindicalistas de Coimbra

COIMBRA, 13. — Conforme já foi noticiado reorganizou-se nesta cidade o Núcleo das Juventudes Sindicalistas, devido aos esforços de alguns rapazes, cheios de ideal e que ansiavam pelo aperfeiçoamento moral da mocidade operária.

A comissão reorganizadora é composta pelos camaradas Tomás da Silva, António Pedroso das Neves, João Veiga, Lúcio Maria da Conceição e João Pedro dos Santos.

Estes camaradas pensam em editar brevemente um manifesto dirigido à juventude operária com o intuito de despertar a para a luta de que se tem conservado sempre tão afastada.

É digna de todos os elogios esta simpática iniciativa, num momento em que se nota um afastamento quasi total de antigos militantes, do que tem resultado a estagnação da organização sindical desta cidade.

Que os trabalhos dos simpáticos rapazes sejam coroados do melhor êxito, são os nossos desejos, para o que podem contar com o nosso incondicional apoio, bem como do modesto auxílio que lhes podemos prestar. — C.

O 1.º DE MAIO Em Sintra

SINTRA, 12. — Os meus afazeres não me permitiram na devida altura referir-me à maneira como o operariado desta vila comemorou a data revolucionária do 1.º de Maio.

Porém ainda vim a tempo para exprimir o procedimento daqueles que laborando diariamente, nesse dia comemorativo da tragédia de Chicago trabalharam nesta vila, dando à burguesia uma triste demonstração da sua inconsciência.

Por quanto tempo ainda será assim? — C.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma importante sessão em Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 11. — Ontem, pelas 20 horas, realizou-se na sede do Sindicato Unico da Indústria de Conservas uma sessão de propaganda, sindicalista, presidida por Armando Ferreira e secretário António Sares e António Alves.

Armando Ferreira depois de expor à assistência os fins da sessão, deu a palavra à camarada Manuel Nunes, delegado da C. G. T.

Nunes depois de saudar a assembleia lamenta o estado em que nesta localidade se encontra a organização operária. Faz uma exposição do que são os animais inferiores ao homem, provando que eles se unem para defender-se, enquanto o homem que diz ser o rei dos animais não faz o mesmo. Sendo o sindicato o único baluarte para resistir ao patronato e impedir a baixa de salários, o orador constata que à indiferença dos operários se deve essa baixa. Enquanto os patrões baixam os salários, o preço dos géneros de que carecemos continua estacionário.

A indústria portuguesa, prossegue, está ainda na infância em virtude do capitalismo quer ganhar muito num curto espaço de tempo. Os operários em tempo de eleições têm a ingenuidade de confiar aos políticos a defesa dos seus interesses, o que não se daria, se o operariado tivesse a consciência precisa. Aconselha os operários a abandonar a taberna substituindo-a pelo sindicato.

Explica os perigos que a prática do desporto pode acarretar para os operários. Critica a atitude da burguesia, que não trabalhando para resolver o grave problema da falta de pesca, única origem da crise de trabalho nesta localidade, induz o operário a ir à igreja, pedir a Deus remédios para os seus males.

Descreve o papel da mulher perante o padre. Refere-se à greve dos mineiros ingleses como exemplo de união.

Armando Ferreira, falando sobre a pesca da sardinha, constata que enquanto o governo espanhol obriga os armadores a mandar pescar os seus cércos, os armadores portugueses nesta localidade não se preocupam em armá-los visto que já ganham muitos milhares de contos e hoje não precisam porque a pesca não lhes dá os lucros fabulosos a que se habituaram nos últimos anos.

Foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que estão deportados em África camaradas que outro crime não cometeram senão o de pensarem livremente; que os mesmos foram única e simplesmente deportados com o fim de dar uma satisfação às classes burguesas, que pretendem saciar a sua vingança contra o operariado organizado;

que o operariado desta localidade se sente ofendido pelo gesto dum governo tirano e despótico, que desrespeita a lei para obedecer às imposições das chamadas «forças vivas»;

O operariado lava o seu protesto contra tais iniquidades, enviando ao presidente do ministério, um officio pedindo o imediato regresso à metrópole desses camaradas, julgando-os nas comarcas onde legalmente deve ser».

Foi em seguida encerrada a sessão. — E.

AS GREVES

Manufactores de calçado do Forte de Monsanto

Os manufactores de calçado, presos na cadeia de Monsanto, que trabalham nas oficinas do mesmo forte declararam-se em greve na terça-feira desta semana reclamando que lhes seja dado pelo arrematante ferramenta e todo o material para trabalhar — fio, prego e sêdas. Os operários que na situação de presos são vilmente explorados, nada mais reclamam que o cumprimento dum cláusula do contrato que a tal obriga mas a cujo cumprimento sempre se têm esquivado.

Lamentamos até que os presos não reclamem um aumento de tabelas, porque trabalham com grande esforço para receberem no fim da semana uma miséria que nunca lhes dá para um parco sustento. E com esta indiferença muitos exploradores conseguem limpar a carepa que nunca os abandona senão quando exploram os infelizes presos.

Os presos conseguiram por certo ver satisfeita a sua reclamação visto que é uma cláusula da arrematância que o sr. director se não pode desobrigar de fazer cumprir.

Brevemente informaremos os nossos leitores da exploração que em Monsanto se exerce sobre o trabalho dos presos.

Uma exortação da Federação Corticeira

Já são decorridas algumas semanas desde que os nossos camaradas, que trabalham na fábrica Cabeçadas, Gameiro & Pinto, de Alhos Vedros, se encontram em greve, porque esta firma lhes pretendia reduzir os salários em 40 0/0. A nobre atitude destes camaradas deve ter ocasionado entusiasmo naqueles que sentem a maior repulsa pelos que pretendem cercar-nos os já míngua-dos salários.

Por isso é da máxima conveniência que hoje e enquanto durar este movimento, todos os corticeiros se lembrem de nas oficinas abrir quetes em auxílio dos operários em luta, pois que a causa destes, perdida, virá reflectir-se em todo o operariado da nossa indústria.

Auxiliar os grevistas da casa Cabeçadas, Gameiro & Pinto, de Alhos Vedros é um dever de todos os corticeiros.

NO ESTRANGEIRO

Mineiros australianos

SIDNEY, 14. — Falhou a mediação do ministro do trabalho para a solução da greve dos maquinistas das minas de carvão. Os patrões das minas exigiram o regresso ao trabalho antes de se iniciarem

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Conselho de Secções. — Reuniu ontem este organismo, que entre outros assuntos tratou dos despedimentos feitos nas várias obras dos Edifícios Públicos lamentando que tal facto se tenha dado, e demais no momento em que a indústria atravessa uma enorme crise de trabalho.

Resolveu mais uma vez officiar ao ministro do Comércio e ao presidente do Ministério no sentido de conseguir a abertura das obras fechadas, bem ainda o conseguir-se a colocação dos restantes operários sem trabalho. Resolveu também que todos os camaradas despedidos das obras públicas, bem como os das Casas Económicas da Ajuda, se inscrevam na Bolsa de Trabalho para efeito de colocação, mas só os que forem sócios, que deverão vir munidos da respectiva caderneta pela qual provem estar no gósto dos seus direitos.

Pessoal do Município. — Este Sindicato publicou na *Batalha* uma local que visava o encarregado das calçadas Luís da Silva. Declara agora que o sucedido com o cobrador Manuel José foi resultado de uma má compreensão. Declara também que o mesmo encarregado foi tratado por uma alcinha e não pelo seu nome legítimo, em virtude de ignorar se se tratava de nome ou alcinha.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Pessoal do Município. — A comissão de melhoramentos com a presença do secretário. Assuntos importantes.

Marinheiros e Mocos. — Às 20 horas, assembleia geral, para apreciação de um officio da casa Norton e outros assuntos.

DIAS PROXIMOS:

Junta Sindical de Alfama. — Reúne amanhã a Comissão Executiva, a fim de se resolver um assunto importante, pedindo-se a comparência de todos os componentes da mesma, às 14 horas.

Sindicato Metalúrgico. — Segunda-feira, às 20 horas, a comissão administrativa.

Quinta-feira, às 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem: Preenchimento de cargos vagos na comissão de melhoramentos; apresentação do relatório da comissão revisora de contas; preenchimento de cargos vagos na comissão administrativa; assuntos vários.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Manipuladores de Pão do Porto. — A comissão administrativa tomou conhecimento de uma local tendenciosa publicada na folha comunista «Bandeira Vermelha», resolvendo tornar público que não se impedi o ingresso no sindicato de qualquer profissional, antes se tem empregado esforços para que nenhum operário deixe de estar sindicalizado.

Horário de trabalho

Empregados no Comércio

Realizou-se ontem a 7.ª sessão de propaganda promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio. O presidente abre a sessão e expõe os fins a que visa o sindicato.

Mário Pinto alonga-se em considerações sobre a necessidade de se fazer cumprir a lei das 8 horas a qual, diz, se deve fazer respeitar, seja por que meios for.

António Alves faz uma defesa enérgica do horário de trabalho citando exemplos de várias classes que pela sua união têm conseguido muitas regalias. Critica o mal-fadado uso das carroças de mão.

Adelino Tavares de Sousa disserta largamente sobre a psicologia da classe. Diz que a classe não faz parte da classe média como erradamente se tem dito; não, a classe é uma classe de trabalhadores e portanto o nosso lugar é junto das restantes classes trabalhadoras. Protesta contra a desumanidade de que são vítimas os menores e até homens puxando a carroças por essas ruas de Lisboa, quando em África esse humilhante sistema já foi abolido.

Manuel de F